

# **Interesse de meninos e meninas durante visita ao espaço de educação não formal: concepção dos monitores**

## **Interest of boys and girls during visits to non-formal education space: conception of monitors**

**Poliana Friolani**

Universidade Federal do ABC  
polianafriolani@gmail.com

**João Rodrigo Santos da Silva**

Universidade Federal do ABC  
joao.rodrigo@ufabc.edu.br

### **Resumo**

Os espaços educacionais promovem diferenciações entre os indivíduos, separando-os em meninas e meninos, através de gestos e atitudes vistas socialmente como naturais, criando assim, por intermédio das relações sociais, identidades e diferenças. Sendo o museu um espaço educacional, este trabalho tem como objetivo, pela óptica do monitor, identificar o interesse de meninos e meninas pelos aparatos e a diferença de aproximação com o monitor no espaço não formal. Para isso, foi realizada entrevista, com dois monitores do centro de ciências Sabina - Escola Parque do Conhecimento, um de cada sexo. No qual, foi possível identificar diferenciações dos comportamentos dos alunos, provenientes de questões culturais, além de evidenciar o baixo interesse das meninas pelo conhecimento científico, fato intrínseco na história da ciência. Conclui-se que existe uma necessidade de discussão de gênero mais aberta nos espaços de ensino para que os aspectos sociais possam ser questionados.

**Palavras chave:** Ciência masculina; Identidade de gênero; Museu de ciências Natureza da ciência; Relações de gênero.

### **Abstract**

Educational spaces promote the differentiation between individuals, separating them into girls and boys, through gestures and attitudes seen socially as natural, thus creating, through the intermediary of social relations, identities and differences. Since the museum is an educational space, this work aims, from the monitor's perspective, to identify the interest of boys and girls by apparatuses and the difference of approaching with the monitor in the non formal sapace. For this, an interview was conducted, with two monitors from the science center Sabina - Park School of

Knowledge, one of each sex. In wich was possible to identify the differentiation of students' behaviors, coming from culture issues, and to highlight the low interest of girls in scientific knowledge, intrinsic fact in the history of science. It is concluded that there is a need for more open gender discussion in educational spaces where social issues can be questioned.

**Key words:** Male science; Gender identity; Science museum; Nature of science; Gender relations.

## Introdução

Os museus proporcionam inúmeras estratégias educativas ao público que o visita, seja por intermédio do expositivo, dos objetos ou pelo diálogo estabelecido entre os monitores e o público (MARTINS, et al., 2013). As relações e interpretações que são criadas a partir do diálogo entre as exposições e o público estão diretamente vinculadas ao processo de aprendizagem nos museus. Destacam-se ainda as ações de mediação como uma das melhores formas de obtenção de aprendizagem nos museus (CAZELLI, MARANDINO E STUDART, 2003).

Para comunicação com o público o museu apresenta os monitores, esses são responsáveis por estabelecer um diálogo com o visitante a respeito da exposição e da instituição de forma geral; transpor a compreensão e interpretação dos conteúdos; se apropriar de diversas linguagens para transcender temas complexos; além de atuar na interatividade e ludicidade com o público (MARTINS et al., 2013; RIBEIRO e FRUCCI, 2007).

As interações entre os indivíduos são construídas de forma ativa e compartilhadas dentro dos processos culturais, podendo ser realizadas entre os monitores e o público e entre público e os monitores, (KÖPTCKE, 2003; MARANDINO, 2008).

Essas relações estabelecidas entre os indivíduos produzem construções de identidades e diferenças, diretamente ligadas às relações de poder. A identidade é constituída por aquilo que somos "sou brasileiro", "sou homem" e a diferença é constituída por aquilo que o outro é, "ela é italiana", "ela é mulher"<sup>1</sup>. As produções de identidades e diferenças tem um alicerce nas negações, pois se ocorre a afirmação "sou brasileiro" é negado que és de outras nacionalidades (SILVA, 2014, p. 74). Já as relações de poder é um estímulo social múltiplo que assimila ou exclui, ou seja, um confronto das forças (BRUNI, 2006).

Deschamps e Moliner (2014, p.10) abordam a identidade como "um fenômeno subjetivo e dinâmico, que resulta de uma dupla constatação tanto das semelhanças quanto de diferenças entre o si próprio, os outros e certos grupos"<sup>2</sup>, ou seja, identidade não é aquilo que se é, mas é o conjunto de características que se pensa ter, que se sente ter, que sejam comum entre os indivíduos de um grupo.

Sendo assim, a identidade e a diferença são inseparáveis e dependentes uma

---

<sup>1</sup> As palavras em destaque são grifos do autor (SILVA, 2014, p. 74)

<sup>2</sup> Trecho em destaque grifo dos autores (DESCHAMPS e MOLINER, 2014, p. 10)

da outra. Dentro desse processo, está a diferenciação marcada pelo poder, pois na construção da identidade e da diferença está o incluir e o excluir, as delimitações de quem somos "nós" e "eles"<sup>3</sup>, isto posto, *a identidade como a diferença, é uma relação social* (SILVA, 2014, p.81).

Por essa perspectiva, a identidade está ligada nas formas de representações sociais presentes entre os indivíduos, essas podem ser herdadas ou construídas. A identidade é considerada um fenômeno psicossocial, que se produz e se manifesta de forma intrínseca pela cultura, que são recebidas e moldadas pela vida, devido a inclusão social e política dos indivíduos (DESCHAMPS e MOLINER, 2014).

Segundo Silva (2014, p. 83), a identidade e a diferença estão relacionadas também com a forma como a sociedade estabelece classificações e distinções, na atribuição de valores entre os grupos. No processo de distinção dos grupos, eles promovem divisões binárias, um grupo recebendo uma carga positiva e o outro uma carga negativa, sem distinguir qual termo é privilegiado, temos as oposições binárias: *masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual*.

A sociedade produz as relações e as classifica muitas vezes como binárias, colocando, por exemplo, o masculino e o feminino em oposição, estendendo a definição do que é ser homem e ser mulher. Essas ações acabam cristalizando as funções masculinas e femininas e dificultam que as ações sejam compreendidas de outras formas, por exemplo, atividades profissionais ligadas ao cuidar que estão atreladas às mulheres (VIANNA e RIDENTE, 1998).

Ao passo que relações sociais se estabelecem, ocorrem as classificações, ou seja, a divisão e a ordenação social em grupos, em classes. A classificação detém atribuir diferentes valores aos grupos, passando por um processo de normalização entre as identidades e as diferenças, que significa eleger uma conduta específica como normal e diretamente hierarquizá-la, atribuindo a essa normalização um potencial positivo, assim, tornando uma conduta *natural, desejável e única* (SILVA, 2014, p.83).

### **Questões de gênero nos espaços educacionais e os papéis sociais**

As comunidades possuem diferenciações estabelecidas de acordo com os confrontos das práticas dos indivíduos, delimitando os lugares a serem ocupados, nas relações, nos trabalhos e nos costumes da casa e da rua. Essas concepções instituídas são *aprendidas e interiorizadas* pelos sujeitos, chegando a ser quase "naturais"<sup>4</sup>, sendo a escola integrante desse processo (LOURO, 2003 p. 60).

As condutas distintivas presentes na escola promovem a constituição de identidades "escolarizadas" (LOURO, 2003 p.61 - 63). Na concepção histórica o acesso à escola, os currículos eram desiguais entre os gêneros e os docentes. Com apoio dos manuais, transmitiam aos alunos os modos de agir e se portar, individualizando os meninos das meninas, produzindo também um corpo escolarizado (SILVA, 2011; LOURO, 2003). Esse processo de produção dos indivíduos é contínuo e sutil, porém são essas práticas cotidianas que merecem atenção e questionamentos por serem

---

<sup>3</sup> As palavras em destaque são grifos do autor (SILVA, 2014, p. 81)

<sup>4</sup> Palavra em destaque é grifo da autora (LOURO, 2003 p. 60).

tomadas como algo "natural"<sup>5</sup> (LOURO, 2003 p.61 - 63).

A escola é produtora de diferenças e desigualdades, está intrínseca em sua concepção uma ação distintiva entre os indivíduos, desta forma ela separa, entre outros fatores, os meninos das meninas. Provoca limites através de símbolos e códigos que afirmam que os indivíduos *podem (ou não podem)* fazer, ou seja, constitui os espaços para meninos e meninas (LOURO, 2003 p. 59).

As autoras Porro e Arango (2011) apontam que tais distinções ocorrem pelo tratamento desigual fornecido aos estudantes pelos docentes, pois os alunos convivem em conjunto no espaço escolar, porém recebem estímulos distintos. Devido ao comportamento afetivo, as meninas, no futuro, tendem a áreas profissionais ligadas a humanas e os meninos recebem estímulos e optam por áreas científicas e tecnológicas.

Outra consideração relevante, são os papéis sociais incorporados na área científica que possui uma predominância masculina, tal ação, tem influência cultural, enfatiza Chassot (2015). O autor também salienta que podemos observar na infância quando os brinquedos de meninos são diferentes dos de meninas. Ainda considera que não somos assim, mas nós construímos ou fomos construídos assim, que a diferenciação de gênero está inserida em nossas civilizações e que ainda possui uma conotação hegemônica masculina.

O vínculo religioso de nossa ancestralidade: greco-judaico-cristã, fortaleceu a presença masculina na ciência, em nossa sociedade. Nessas três raízes encontram-se explicações e até mesmo "concluir que não somos machistas por acaso", mas que podemos alterar essa trajetória (CHASSOT, 2003, p.77).

A ciência sustenta, mantém e alimenta as relações sociais preponderantes, em que o conceito de gênero está subjacente, sendo compreendido por lentes de categorias e dualismos: [...] sexo *versus* gênero e semelhança *versus* diferença. (MORAWSKI, 1990; HOLLWAY, 1994 apud NOGUEIRA, 2001, p. 143)

Partindo dos seguintes pressupostos: os espaços não formais são constituídos como lugares de promoção à aprendizagem e conhecimento; a diferenciação de gênero está presente nos diferentes meios educacionais; e dos papéis sociais inseridos na ciência sendo principalmente masculinos, esse trabalho teve como objetivo identificar as concepções dos monitores, de espaço de educação não formal, sobre o interesse de meninos e meninas em visita ao espaço e a diferença na aproximação com os monitores e com os aparatos.

## **Metodologia da pesquisa**

Para o desenvolvimento da pesquisa foi selecionado o espaço de educação não formal, Sabina - Escola Parque do Conhecimento. A Sabina é um grande centro de ciências localizado em Santo André, dispõe de um acervo variado de animais vivos e aproximadamente 150 experimentos nas áreas de química, física e biologia,

---

<sup>5</sup> As palavras em destaque são grifos da autora (LOURO, 2003 p.61 - 63)

além de um Planetário. Possui como missão ser um grande laboratório para escolas, não só municipais, mas estaduais e particulares (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 2014).



Sabina, vista aérea. Fonte: Google Earth, 2015

Para essa pesquisa daremos ênfase ao monitor, pois esse possui o importante papel de dialogar com os alunos sobre diversos temas apresentados no espaço, além de criar o mínimo de vínculo afetivo e de referência para com os alunos durante a visita. Por esse motivo os monitores foram submetidos à entrevista para que a partir da sua rotina profissional seja possível identificar as relações de gênero estabelecidas no espaço.

Devido ao convênio firmado entre a Universidade Federal do ABC (UFABC) e a Prefeitura do município de Santo André, os monitores que atuavam na Sabina, durante a fase de coleta de dados para essa pesquisa, são alunos de graduação da UFABC. A UFABC era responsável pelo setor pedagógico da Sabina, no qual os alunos da Universidade atuavam no atendimento ao público. Esses monitores tinham pouco mais de um ano de atividades no espaço, passaram pelo processo de capacitações para iniciarem as atividades de mediação.

Para compor a pesquisa dois monitores, um de cada sexo (monitora 1 e monitor 2), foram submetidos a entrevista semi estruturada tendo por base a sua prática no espaço de educação não formal. Os monitores foram questionados sobre a diferença no interesse dos meninos e das meninas pelo espaço e nas relações, tanto com os aparatos, como com os próprios monitores, se existe diferença pelo gênero e o que leva à essa diferenciação. A entrevista foi realizada com auxílio de gravador, o áudio transcrito e o conteúdo analisado através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Esse método utiliza de três fases: a pré-análise onde é feito um levantamento prévio dos materiais a fim de evidenciar hipóteses e elaboração de indicadores; a exploração do material, que busca organizar sistematicamente os dados, fragmentando-os em categorias; e na terceira fase

ocorrem os tratamentos dos resultados, a interferência e a interpretação.

## **Concepções dos monitores sobre o interesse de meninos e meninas durante a visita e a relação do gênero na aproximação (aos monitores e aos aparatos)**

Durante a análise dessa questão constatou-se duas categorias: **interesse no espaço não formal relacionado ao gênero e aproximação do aluno com o monitor**. Nos discursos dos monitores está presente a dissonância na percepção do interesse de meninos e meninas durante a contemplação das visitas, discutidas nas subcategorias a seguir.

A primeira categoria é constituída por seis subcategorias: **presença da diferença de interesse; interesse não está ligado ao gênero; interesse do gênero por constituição expositiva; interesse por gênero por conhecimentos prévios; motivos de falta de interesse das meninas**.

Quando indagados sobre a **presença da diferença de interesse** dos alunos, o monitor 2 diz não saber se existe essa diferenciação. O monitor 2 discorre que o **interesse não está ligado ao gênero**, alegando que ambos os gêneros possuem interesse nas visitas, apesar dos meninos em alguns momentos estarem mais dispostos a brincadeiras, mas ainda assim alguns demonstram interesse. Louro (1992) traz a discussão de que há atividades, comportamentos, gestos, funções que são, de forma social, compreendidas como naturais para homens ou para mulheres, por exemplo, espera-se que homens sejam mais desinibidos e que as mulheres sejam mais discretas e delicadas. Assim, com relação ao comportamento, espera-se que os alunos cumpram os padrões sociais de cada gênero (SILVA, 1999). Apresentados em:

Monitor 2: [...] *não acredito que seja por causa do gênero eu acho que é porque, elas estão interessadas mesmo e eles estão querendo brincar [...]*

[...] *não acho que seja por causa do gênero, porque tem meninos interessados e bem interessados também [...]*

Louro (2003) traz à discussão os papéis e padrões de comportamentos que são aprendidos pelos indivíduos, esses são taxados de adequados ou inadequados e favorece na construção da desigualdade entre os meninos e meninas. A autora também ressalta que se queremos avançar nas questões que constituem essas dicotomias, devemos vigiar a sexualidade dos indivíduos que convivem na escola.

A monitora 1 acredita que há **interesses do gênero por constituição expositiva**, a presença de animais vivos (sala da vida) torna-se atrativo para ambos os gêneros, porém enfatiza que o acervo de ciências e tecnologia é mais atrativo para os meninos.

Os alunos se formam em escolas mistas e cursam os mesmos currículos, porém apresentam uma tendência no desenvolvimento das carreiras futuras, as meninas acabam elegendo as áreas humanas e os meninos escolhem áreas de ciências e tecnologias, uma possível explicação é a atenção voltada para os

meninos devido às condições disciplinares, os meninos são inquietos e as meninas calmas, essa tranquilidade apresentada pelas meninas acaba contribuindo para a invisibilidade do gênero (PORRO e ARRANGO, 2011).

Monitora 1: [...] *que na parte da sala da vida as meninas e os meninos têm interesses mais ou menos igual ambos se interessam [...]*

*[...] mas na parte de ciência e tecnologia já não [...]*

*[...] a menina já não tem tanto interesse quanto o menino na parte científica assim [...]*

*[...] a gente tem o piso de ciência e tecnologia dividido em algumas partes então na parte mecânica, elétrica, as meninas não demonstram tanto interesse e demonstram que têm menos conhecimento sobre isso do que os meninos [...]*

*[...] lá na parte de ciência e tecnologia eu observo sim bastante diferença de interesse.*

No trecho a seguir, foi possível evidenciar no discurso da monitora 1 que há falta de **interesse do gênero por conhecimentos prévios**, ou seja, na concepção da monitora 1 a falta de interesse das meninas é devido a falta de estímulos prévios pelo conhecimento científico, que temas como óptica desperta curiosidade por ser um tema desconhecido, mas eletricidade, que é algo comum, não desperta tanto interesse. Chassot (2015) afirma que, do ponto de vista histórico, foi um processo cultural a mulher não possuir espaço no que se refere a ciência, o autor menciona também o baixo número de cientistas mulheres laureadas.

Monitora 1: *Acho que por uma questão de falta de interesse já prévio [...]*

*[...] elas se interessam mais pela parte de óptica a parte que é menos falado na escola [...]*

*[...] não ter o conhecimento e não ter ouvido falar desperta mais interesse do que ter ouvido falar e não se interessar pelo assunto [...]*

Com base no discurso da monitora 1, com fragmentos representados abaixo, é pertinente levar em consideração os possíveis **motivos da falta de interesse das meninas**, pois na infância os estímulos manifestados à menina influência em suas escolhas. Os meninos possuem estímulos na infância a manipular instrumentos categorizados ao universo masculino, como: ferramentas; carros; máquinas e etc; enquanto as meninas são estimuladas à processos de socialização relacionadas às áreas de saúde; educação e bem estar; essas ações compõem seus interesses profissionais futuros (CUNHA et al, 2014). Há uma defasagem feminina nas áreas de ciências exatas, por considerar que homens e mulheres têm habilidades distintas, expressando assim, uma predominância masculina na ciência (CUNHA et al, 2014; SILVA, 2011).

Monitora 1: [...] *as meninas desde sempre desde a infância tem um incentivo maior com a parte humana [...]*

*[...]a parte profissional que é mais voltada para as ciências humanas não para ciências exatas [...]*

*[...] os brinquedos de meninas são voltados para essa parte (de humanas) e os brinquedos de meninos já não, os brinquedos de meninos já são mais voltados para parte de ciências e tecnologia [...]*

*[...] é comum que você vê um menino que, por exemplo, sabe como funciona uma lâmpada, agora uma menina é muito raro acontecer dela saber porque geralmente ela não se interessa por conta de uma falta de incentivo de desde sempre ser excluída desta parte [...]*

Com o discurso da monitora evidenciamos as questões sociais binárias, onde durante a infância as crianças recebem distinções através dos brinquedos acarretando assim nos interesses dentro do espaço de educação não formal. A conduta de utilização de brinquedos por gênero causa censura entre indivíduos, limitando o que eles podem ou não fazer, neste caso, inibindo as meninas à aproximação do conhecimento científico, ou seja, por intermédio da questão social de distinção dos brinquedos por gênero há implicitamente uma relação de poder exercida entre as crianças que promove tais distinções (FOUCAULT, 2015).

O monitor 2 apresenta argumentos em que o **interesse das meninas** sobressaem ao interesse dos meninos durante a visita, além dos alunos apresentarem diferenças no comportamento de acordo com o gênero. A menina para se construir como bem sucedida é necessário assumir bons comportamentos, desempenhando assim ações mais adequadas (SILVA, 1999). Tais fatos são apresentados em:

Monitor 2:*[...]mas o interesse é maior por parte das meninas, o interesse o respeito é sempre maior por parte delas do que por parte dos meninos [...]*

Durante a entrevista o monitor 2 foi questionado da **aproximação dos alunos com o monitor**, sendo essa a categoria do tema. No trecho a seguir, o monitor 2 aponta os **alunos com maior aproximação dos monitor**, no qual, relata que as meninas têm uma predominância na aproximação e de forma afetiva se mantém próximas, citando casos ocorridos durante o atendimento .

Monitor 2: *Eu acho que tem uma aproximação maior das meninas [...]*

*[...] a gente estava no grupo e três meninas vieram pegar na minha mão [...]*

*[...] são sempre as meninas que fazem isso, então os meninos não fazem é bem difícil, eles são mais retraídos, assim [...]*

De forma subjetiva as escolas continuam reproduzindo o sexismo entre os alunos, as meninas possuem um jeito feminino (afetivo) e os meninos um jeito masculino (indisciplinado) em seus comportamentos, tal comportamento possivelmente se dá pelas professoras e professores, que foram formados dessa forma e reproduzem esse modelo, isso causa um reconhecimento e influência na imagem pessoal dos alunos e alunas, perpetuando uma imagem tendenciosa influenciada pelo gênero (PORRO e ARRANGO, 2011; LOURO, 1992).

O monitor foi questionado se **a quantidade de alunos influencia na aproximação**, alegando que:

Monitor 2: *Não sei, eu acho que pode até ser, pode até ser pelo número*



*de...de meninas que tinha, ué tinha bem, bem maior que meninos [...]*

Porém, alega que **não há influência na quantidade** de alunos por gênero, que as meninas sempre apresentam uma maior aproximação. Anteriormente, o monitor 2 relata que a quantidade de alunos pode influenciar na aproximação, logo após, comenta que não há influência na quantidade que sempre as meninas demonstram maior aproximação, entrando em desacordo com o relato anterior. Sendo assim, esse discurso do monitor 2 válida que as meninas possuem características afetivas, promovendo manifestações físicas provenientes de questões sociais diferenciadas para homens e mulheres, pois cada um dos sexos aprendem gestos, posturas, falas e etc. e tais características são socialmente aceitas como naturais (LOURO, 1992).

Monitor 2: [...] *eu já peguei grupos que tinham 15 meninos e 3 meninas e...as três meninas vieram me dar a mão, sabe, acho que não tem muita influência o número.*

Nas categorias apresentadas anteriormente, o monitor relata a afetividade e interação com as meninas durante os atendimentos aos grupos, intensificando a formação da identidade feminina de forma conservadora, marcando assim um estereótipo controlado e diferenciado entre meninas e meninos. De forma inconsciente, porém com atributos sociais as representações de si são ponderadas refletindo na forma com que as meninas se expressam (RAGO, 2006).

## **Conclusão**

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível verificar que os alunos em visita ao espaço de educação não formal reproduzem os comportamentos apresentados na escola, promovendo distinções de gênero. No discurso dos monitores é perceptível que a atração, apreço e interesse na relação com aparatos são distintas e as manifestações de afeto e comportamento também se distinguem de acordo com o gênero da criança.

As pesquisas nos espaços não formais com ênfase na perspectiva de gênero permitem uma mudança na formação de monitores. Pois, através da formação continuada é possível estabelecer uma reflexão sobre o desenvolvimento das visitas no que se refere a condutas e discursos, colaborando com a diminuição de ações sexistas. Os monitores, por exemplo, podem promover intervenções para que ocorra a mistura dos grupos fazendo com que os alunos, independente de gênero, possam participar e conviver coletivamente das visitas, estabelecendo uma maior relação entre os alunos durante as visitas, assim amenizando atitudes de segregação provenientes de outros convívios sociais. Além das ações de integração entre as crianças, favorecem o convívio social mútuo, instigando ambos, meninos e meninas ao conhecimento científico.

Os dados analisados instiga a compreensão do comportamento estabelecido pelos alunos e alunas no espaço de educação não formal. Para melhor reflexão e continuidade desse trabalho observa-se a necessidade de olhar para além da entrevista com os monitores, mas entender como se estabelece a relação com o

monitor e com o aluno nesses espaços pela perspectiva de gênero. Assim, uma entrevista mais aprofundada colabora na compreensão das concepções dos monitores e uma análise da visita escolar permitirá conhecer o atendimento do monitor e a influência de seus discursos, gestos e atitudes durante as relações entre monitores e alunos.

## **Agradecimentos e apoios**

Sabina – Escola Parque do Conhecimento. UFABC.

## **Referências**

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 2º reimp. da 1º edição. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUNI, J. C. **Foucault: o silêncio dos sujeitos**. In. SCAVONE, L. ALVAREZ, M. C. MISKOLCI, R. (org) O legado de Foucault. São Paulo: UNESP, p. 33-43, 2006.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: **Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 83-106.

CHASSOT, A. **A ciência é masculina? É, sim senhora!**- 7º ed. - São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2015.

CUNHA, M. B.et al. As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. In: **Mujeres en la Química**, 2014. Universidad Nacional Autónoma de México, 2014. p. 1-11.

DESCHAMPS, J-C; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. 2 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT. M. **História da sexualidade 1 : A vontade de saber**. 23º ed. Rio de

Janeiro: Graal, 2015.

KÖPTCKE, L. S. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G. MARANDINO, M. LEAL, M.C. (org) **Educação e museus: A construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.6, p.53-67, 1992.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARANDINO, M. (orgs). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

MARTINS, L. C. et al. **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais** - 1 ed. - São Paulo: Percebe, 2013.

NOGUEIRA, C. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho** - Portugal. *Cadernos de Pesquisa*, nº 112, p.137-153, março/ 2001.

PORRO, A.; ARANGO, C. A importância da perspectiva do gênero no ensino das ciências na América Latina. In: SANTOS, W. L. P.; AULER, D. (org). **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas..** Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 271-266, 2011.

RAGO, M. Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas. In. SCAVONE, L. ALVAREZ, M. C. MISKOLCI, R. (org) **O legado de Foucault**. São Paulo: UNESP, p. 101-117, 2006.

RIBEIRO, M. G. FRUCCHI, G. Mediação - A linguagem humana dos museus. In: MASSARANI, L. (org) MERZAGORA, M. RODARI, P. **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciências**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/ Fio Cruz, p. 68 -74, 2007.

SILVA, C. D. et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 207-225, julho 1999.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, T. T. **Identidade e Diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15º ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIANNA, C. RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 93-118, 1998.